

MÚSICA E VIVÊNCIAS ESPACIAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE ESTUDANTES DE DOURADOS (MS)

Karen Miyasato Ribeiro
Doutoranda – PPGG/UFGD
Karenmiyasato1@gmail.com

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre as relações entre Geografia e música, partindo do entendimento de que a arte, especialmente a música, pode dialogar com a ciência geográfica ao potencializar dimensões sensíveis, subjetivas e humanísticas do pensamento espacial. A pesquisa teve como objetivo compreender de que modo as preferências musicais de estudantes interferem ou se articulam com suas vivências espaciais, considerando a música como linguagem que mobiliza significados, símbolos, sons e devires que atravessam o corpo, o território e o espaço. Os resultados indicam que a música é percebida pelos estudantes como uma linguagem múltipla, subjetiva e imaterial, capaz de tornar audíveis as forças internas de determinados espaços-tempos. Assim, evidencia-se que a música contribui para a construção de sentidos e memórias no espaço vivido, funcionando como mediação importante nos modos como os sujeitos percebem, experienciam e (re)significam os lugares.

Palavras-Chave: Geografia; música; vivências espaciais.

Introdução

Este artigo resulta de pesquisa desenvolvida no âmbito de uma dissertação de mestrado, cujo objetivo foi analisar como as preferências musicais de estudantes do ensino básico se relacionam com suas vivências espaciais. Partiu-se do entendimento de que a música, enquanto linguagem sensível e simbólica, mobiliza sons, significados e devires que afetam o corpo, o território e o espaço. O foco não esteve em explicar categorias geográficas por meio da música, mas em compreender como ela participa da construção de espacialidades e imaginações sobre o mundo.

Na Geografia, a música contribui para a formação do olhar espacial. Por estar ligada a experiências, memórias e afetos, ela expressa sentimentos sobre os lugares, constrói identidades e estabelece vínculos territoriais. Como destaca Callai (2005, p. 238), desenvolver esse olhar é “fazer a leitura da vida a partir do que pode ser percebido no espaço construído”. Em diálogo com Massey (2008), considera-se que o corpo também inscreve experiências espaciais. Brito e Serpa (2020) o definem como acumulador de vivências, onde os lugares se tornam vivos pela memória e pelas marcas deixadas.

A pesquisa foi desenvolvida em quatro etapas: levantamento bibliográfico, aplicação de questionário online (via *Google Forms*), em decorrência do período pandêmico da COVID-19, para 72 estudantes do 8º ano de duas escolas de Dourados (MS), análise das respostas e rodas de conversa com turmas das mesmas instituições. O objetivo foi identificar os sentidos atribuídos à música, os gêneros mais citados e suas relações com o espaço vivido e os

processos de identidade e pertencimento. Não se tratou de utilizar a música como recurso didático, mas de reconhecê-la como linguagem constitutiva de experiências geográficas, capaz de expressar múltiplos sentidos de lugar e modos de habitar.

Desenvolvimento

A relação entre Geografia e música pode ser pensada a partir das provocações de Dozena (2019), que propõe questões fundamentais como: o que é música? Quais suas potencialidades e o que ela nos provoca? Para o autor, a música é “a combinação harmoniosa e expressiva de sons, um conjunto de sons vocais, instrumentais ou mecânicos com ritmo, harmonia e melodia”, sendo uma manifestação artística que se revela por meio de sons variáveis, conforme o tempo, a cultura e o ambiente (DOZENA, 2019, p. 33). A música, portanto, é vivida e produzida em práticas sociais, permitindo o surgimento de redes de sociabilidade e territorialidades afetivas. A música, enquanto linguagem, não se reduz a um conjunto de sons organizados: ela expressa experiências, memórias e afetos, a música é capaz de articular o indivíduo e o coletivo, o local e o global, o sensível e o simbólico, operando como forma de comunicação que ultrapassa as barreiras da linguagem verbal. Segundo Chauí (2001):

A linguagem é um sistema de signos ou sinais usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para a expressão de ideias, valores e sentimentos.” Sendo que “[...] a linguagem é um sistema de sinais com função indicativa, comunicativa, expressiva e conotativa. (CHAUÍ, 2001, p.141)

De modo semelhante, Kong (1995) reforça que a música é uma linguagem carregada de significados e exerce papel simbólico e estruturante na construção social e cultural dos espaços. A história recente do Brasil evidencia a força da música como linguagem política e geográfica. Durante a ditadura militar (1964–1985), a música foi meio de resistência e denúncia, ainda que sob censura. Para contornar a repressão, artistas utilizaram metáforas e entrelinhas em suas composições, como em *Apesar de você* (Chico Buarque) e *O bêbado e a equilibrista* (Elis Regina), revelando uma geografia do sofrimento e da esperança.

Essa dimensão política e sensível do som pode ser pensada com base em Massey (2008), que entende o espaço como múltiplo, relacional e em constante construção. Cultura, arte e música não apenas ocupam o espaço: elas o produzem. A música como dispositivo, nesse processo, produz territorialidades e reforça vínculos, atuando como linguagem que constitui as espacialidades vividas. Nesse sentido, torna-se importante pensar a música como uma linguagem para dentro da sala de aula, capaz de ampliar a compreensão das experiências espaciais a partir das fontes sonoras. Tal perspectiva dialoga com a reflexão de Dozena, ao afirmar que:

Nossa experiência espacial também abarca a escuta de fontes sonoras não musicais (naturais ou artificiais), sendo essa experiência subjetivamente apropriada a partir do ordenamento dos sons... (DOZENA, 2019, p. 32).

Nesse enquadramento, ela se aproxima da noção de “dispositivo” enquanto elemento que produz relações e subjetividades, abrindo caminhos para refletir sobre como os sujeitos se situam, se reconhecem e se relacionam com os territórios que vivenciam.

A escola da rede pública, localizada em uma região carente da cidade, no qual trabalhei como estagiária por três anos. A outra instituição privada está localizada em uma área considerada “nobre”. Nessa instituição atuo como professora de Geografia dos anos finais do fundamental. A seguir, apresento o questionário aplicado.

Quadro 1 – Respostas selecionadas à pergunta: Gosta de música? Por quê?

Questionário	
1º	Gênero: () Feminino () Masculino
2º	Idade:
3º	Você estuda na escola? () Pública () Privada
4º	Gosta de música? Por quê?
5º	Quais gêneros de música você mais escuta?
6º	Quais músicas que mais gosta de escutar?
7º	Quais artistas mais escutam?

Questionário aplicado (2020).

Dentre as respostas obtidas, selecionamos e organizamos algumas delas no quadro a seguir

Quadro 2 – Respostas dos estudantes

Gosta de música? Por quê?	
Aluno 1	“Sim, porque a música com que escuto fazem parte da minha vida.”
Aluno 2	“Sim. Pois é algo único da natureza humana e tem influência sobre tudo da sua vida.”
Aluno 3	“Gosto muito, não sei dizer o porquê, eu simplesmente gosto, acho que a melodia e a letra, o jeito que uma música pode ser capaz de mudar totalmente o seu dia, essas coisas só me fazem me atrair mais pela música e cada dia gostar mais ainda.”
Aluno 4	“Sim, porque a música consegue se encaixar em todas as emoções, sentimentos e momentos da nossa vida.”

Aluno 5	“Sim, por que as músicas com que me identifico fazem parte da minha realidade.”
Aluno 6	“Sim, porque eu gosto de dançar, às vezes cantar, treinar meu inglês.”
Aluno 7	“Sim, além da batida da música, gosto quando elas contam histórias e gosto de entender o sentimento do artista.”

Fonte: Questionário aplicado (2020)

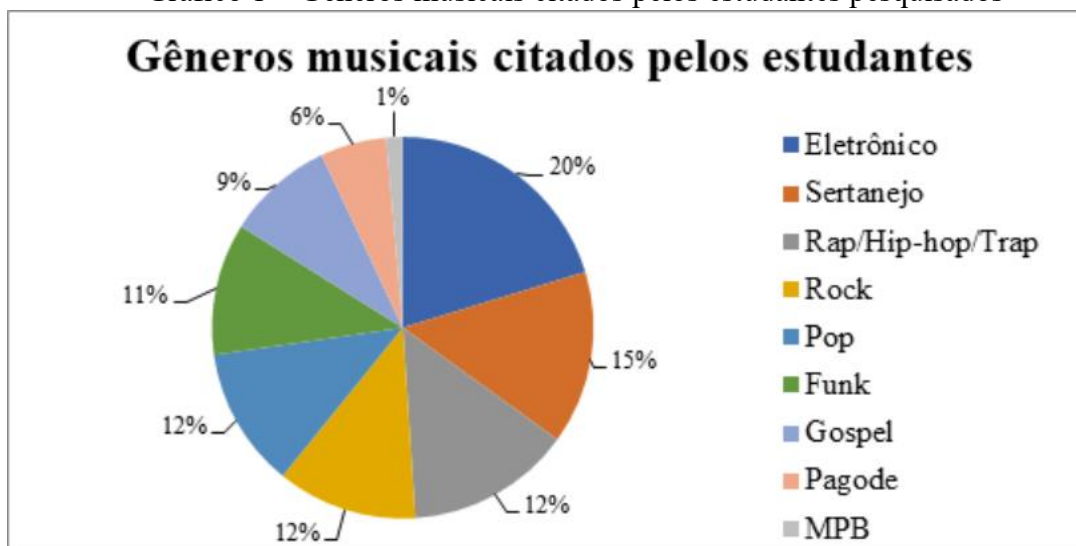
A análise das respostas revela que a música exerce forte influência na vida dos estudantes, mediando emoções, construindo memórias e ativando vínculos com os lugares. Para muitos, ela “faz parte da vida”, “influencia tudo” ou “muda o dia”, expressando vivências sonoras que ressoam nas experiências corporais e afetivas. Essa dimensão sensível reforça a ideia de que a música não apenas acompanha o cotidiano, mas participa da constituição do espaço vivido (Dozena, 2019).

Na escola privada, a conversa se iniciou com relatos sobre vivências musicais familiares e afetivas. Uma das estudantes contou: “Eu toco sanfona. Meu pai gostava e me colocou para aprender, mas só toco quando vamos para a fazenda”. A fala evidencia a música como herança afetiva, vinculada a lugares e memórias. Mesmo quando o estilo não expressa o gosto pessoal, ele permanece como traço relacional e territorial. Outros estudantes trouxeram diferentes sentidos: “Para mim, a batida vem antes da letra”, “eu gosto da letra, ela mexe com a gente, ajuda a liberar pensamentos ruins, mesmo sem falar com ninguém”. A escuta da música nesse contexto, atua como forma de autocuidado, reorganizando o interior e o exterior do sujeito, o que confirma a proposição de Merleau-Ponty (1996): a percepção do som envolve o corpo como operador do espaço.

Na escola pública, apesar da timidez inicial, surgiram falas potentes. Um estudante definiu a música como “válvula de escape”; outro afirmou: “a música participa da nossa vida”. Ambas as declarações apontam para a dimensão cultural e coletiva da experiência musical, que, como defende Silva (2018), é capaz de “suspender o tempo e transmutar o espaço”. A música, nesse sentido, não é apenas som: é meio de significação, forma de presença no mundo, linguagem que organiza os afetos. Como observa Dozena (2019), a musicalidade estrutura territorialidades ao atravessar os corpos. A escuta se torna, assim, chave de leitura do espaço vivido e da construção de pertencimentos, ativando geografias afetivas, familiares, estéticas e sociais.

A música foi reconhecida pelos estudantes como elemento de relevância afetiva e identitária. Suas respostas indicaram que ela atua como mediadora de emoções, experiências e vínculos territoriais. “A música muda meu dia”, “me acalma”, “me representa”, expressões como essas traduzem uma vivência sonora profunda. A escuta da música nesse sentido, atua como chave de leitura das espacialidades vividas, sendo a música elemento ativo na constituição dos vínculos entre corpo, memória e lugar.

Gráfico 1 – Gêneros musicais citados pelos estudantes pesquisados



Fonte: Questionário aplicado 2020.

A análise dos 72 questionários revelou que os gêneros mais citados pelos estudantes foram: eletrônico, sertanejo e rap. Embora o eletrônico tenha aparecido como o mais mencionado no total, observa-se que sua preferência se concentra entre os estudantes da escola privada, dos 29 que citaram esse gênero, 20 são da rede particular.

A música eletrônica, que surgiu na década de 1970, caracteriza-se por sons produzidos por equipamentos eletrônicos e softwares. Seus eventos, em geral, ocorrem em espaços elitizados, com acesso restrito por conta dos altos custos de ingressos e consumo. Como apontam Costa e Silva (2013, p. 54), trata-se de uma prática marcada pela exclusão social, pois ocorre “em um espaço que privilegia a ausência dos indivíduos de classes sociais inferiores”. A predominância dessa preferência entre estudantes da rede privada reforça a hipótese de que suas vivências em territórios privilegiados e seu poder aquisitivo mais elevado influenciam suas experiências culturais e, conseqüentemente, suas preferências musicais.

O segundo gênero mais citado foi o sertanejo. Tradicionalmente associado ao campo, esse gênero passou por transformações desde a urbanização nas décadas de 1960 e 1970. Suas letras, antes centradas no cotidiano rural, passaram a abordar temáticas como festas e relacionamentos urbanos. Como explicam Faria e Silva (2020, p. 7), o “lugar de escuta” foi deslocado: “O cotidiano da 'roça' e os 'causos' são substituídos por canções de amor, decepções amorosas e cotidianas da vida na cidade.” Esse deslocamento revela a ação da indústria cultural, que molda produtos musicais de acordo com lógicas de mercado.

O sertanejo, citado em ambas as escolas, evidencia o alcance da indústria cultural. Como analisam Antunes e Maia (2008), a repetição massiva de determinados produtos sonoros compromete a escuta crítica e favorece a padronização dos repertórios. A música, nesse caso, se inscreve como mercadoria, refletindo a lógica do capital. Ainda assim, como observa Kong (1995), mesmo a música comercial pode operar como linguagem cultural que articula experiências sociais.

O rap, por sua vez, aparece com mais força entre os estudantes da escola pública. Essa preferência revela a força simbólica da música como expressão de resistência, pertencimento e denúncia. As letras de grupos como Racionais MC's funcionam leitura do espaço vivido, como “negro drama” e “da ponte pra cá”, que performam o território e revelam as desigualdades. Aqui, é possível retomar Massey (2008): o espaço não é neutro nem homogêneo, mas “construído a partir da diferença, da interação e do conflito”. As músicas ativam essas diferenças, transformando o cotidiano em arena de significação.

Nesse sentido, o rap não é apenas um gênero musical, mas linguagem geográfica que dá voz às espacialidades periféricas. Como defende Dozena (2019), o corpo afetado pela música reconfigura suas formas de estar no mundo. As práticas musicais, portanto, são também práticas espaciais, formas de habitar, resistir e pertencer. Isso reforça a ideia de que a música, ao atuar nos corpos, contribui para a formação de territorialidades afetivas e para a significação dos espaços vividos. Para muitos jovens, esses espaços tornam-se ambientes seguros, de coletividade e de projeção de futuro.

Conclusão

Esta pesquisa analisou como as preferências musicais de estudantes do ensino básico se relacionam com suas vivências espaciais. Compreendendo a música como linguagem sensível, composta por sons, técnicas e vozes, reconheceu-se sua capacidade de ativar o pensamento espacial, construir referências sobre o mundo e expressar percepções sobre o espaço vivido.

Com base na concepção relacional de espaço proposta por Massey (2008), entende-se que a música contribui para a produção de identidades, imaginações espaciais e territorialidades. Enquanto fenômeno cultural, ela interage com os espaços e com a sociedade, sendo atravessada por dimensões históricas, simbólicas e afetivas. Nesse processo, a indústria cultural exerce influência significativa, sobretudo ao padronizar gêneros como o sertanejo, amplamente difundido entre os estudantes das duas instituições investigadas, o que evidencia a força da lógica de mercado atuando nas escutas, mesmo em contextos socioeconômicos distintos.

A comparação entre as escolas pública e privada mostrou como as diferenças espaciais se expressam também nas preferências musicais. O gênero eletrônico prevaleceu entre os estudantes da escola privada, possivelmente devido ao acesso a eventos e circuitos associados a esse estilo. Já o rap teve maior destaque na escola pública, indicando uma identificação com letras que abordam desigualdades, resistências e vivências periféricas.

Essas observações reforçam a ideia de que o espaço compreendido pelas práticas, relações e vivências cotidianas, influencia diretamente os sentidos atribuídos à música. Para muitos estudantes, ela representa um território simbólico de acolhimento e expressão, por meio do qual elaboram emoções, narram experiências e afirmam vínculos. A música, assim, se configura como linguagem potente na construção de identidades e no modo como os sujeitos habitam o mundo.

Buscou-se, ao longo do trabalho, evidenciar que a música permite visualizar o espaço a partir de uma perspectiva múltipla, dinâmica e em constante construção. A música, nesse contexto, torna-se uma via sensível para compreender como os sujeitos significam, vivem e transformam o espaço. Sem a intenção de generalizar repertórios ou estabelecer relações causais

entre música e território, este estudo procurou compreender a música como expressão situada, enraizada nas experiências dos estudantes. Ao fazê-lo, reafirma-se a relevância do diálogo entre Geografia e música como campos que, articulados, expandem possibilidades de leitura, escuta e reflexão sobre o espaço vivido.

Referências

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.

COSTA, J. C.; SILVA, M. A. Segregação espacial e música eletrônica: a cena cultural soteropolitana. *Para Onde!?*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 52-61, jul./dez. 2012. Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DOZENA, Alessandro. O papel da corporeidade na mediação entre a música e o território. In: DOZENA, Alessandro (org.). *Geografia e música: diálogos*. Natal: EDUFRN, 2016. p. 371-384.

DOZENA, Alessandro (org.). *Geografia e arte*. Natal: Caule de Papiro, 2020.

KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). *Cinema, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 129-175.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Léo Prudente. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SILVA, F. F. E. Geografia e Música: encontros e caminhos do fenômeno sonoro nos cortejos de Congado. *Geograficidade* | v.8, Número Especial, Primavera 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13153/pdf>.